

ARGENTARIUM

COLLEGAMENTO I.M.S.P.



INSTITUTO DAS MISSIONÁRIAS SECULARES DA PAIXÃO

ANO XXVIII. N. 1
JANEIRO-MARÇO 2021

INSTITUTO DAS MISSIONÁRIAS SECLARES DA PAIXÃO

ARGENTARIUM

COLLEGAMENTO M. S. P.

ANO XXVIII N.1 JANEIRO- MARÇO 2021



SUMÁRIO

Falando sobre ...	V. Caruso	Pag. 4
Neste número	la Redazione	“ 6
Aos membros do Instituto	P. Generoso c.p.	“ 8
Pelo Assistente Espiritual Geral	P. Valter c.p.	“ 11
O Pensamento da Presidente	P. D'Urso	“ 14
Da Responsabilidade Geral da Formação	M. E. Zappalà	“ 17
Páscoa de Santidade	P. G. Raciti	“ 21
Carta Enciclica do Papa Francisco: Fratelli Tutti		
- Da Enciclica sobre a fraternidade e a amizade social	Papa Francisco	“ 23
- Proposta e percurso para viver a fraternidade universal hoje	P. S. Consoli	“ 28
- Uma visão laica	Marissa Parades	“ 31
O ano de São José: uma presença para toda a Igreja	Vanice Felix dos Santos	“ 36
Coluna dos Colaboradores:		
<i>Família Bússola para a Paz</i>	C. e C. Grasso	“ 39
Em memória de Ermanno		
Da redação		“ 42
Carta aberta à Sandra	G. Partescano	“ 43
O amigo Ermanno Pozza	Don Paolo Renner	“ 44
Crônica Flash		“ 46
O canto dos livros		“ 50
Poesia A Cruz	Pietro P. Parzanese	“ 52

Periodico trimestral de cultura religiosa para distribuição gratuita

Editado por: Istituto delle Missionarie Secolari della Passione

Via del Bosco 11 - 95030 Mascali CT

Direção, Administração, Redação e impressão: Via del Bosco 11 95030 Mascali CT

Tel.: **095 6768749** E-mail: segreteria@secolari.it

Site internet: <http://www.secolari.it>

Diretora: Melina Ciccio

Registro Tribunale di Catania n.13/94 del 18/5/1994

Diretor Responsável: Vincenzo Caruso



**O Senhor ressuscitou, ele ressuscitou
verdadeiramente: aleluia, aleluia**

A Ressurreição de Cristo é o anúncio de uma nova vida, é a antecipação e o cumprimento de uma nova criação.

Cristo ressuscitado é a luz que separa as trevas de todo medo.

Saudações por uma Santa Páscoa da Ressurreição

FALANDO SOBRE ...

A ressurreição de Jesus não é um assunto trivial: é o centro, o escândalo, o eixo em torno do qual gira toda a fé cristã: “Se não há ressurreição dos mortos, nem mesmo Cristo ressuscitou! Mas, se Cristo não ressuscitou, a nossa pregação é vã e a vossa fé é vã”(cf. 1Cor 15, 12-19). O que preocupa e consola é que, depois da morte, começa algo novo, sobre o qual todos os poderes do mundo da morte já não têm força.

Alguém, falando de Jesus de Nazaré, o chama *O Crucificado*, quase um apelido. Tendo dito isso, no entanto, é como dizer que sua história era linda, mas que ele apagou as luzes no topo da provação. Alguém, por outro lado, gosta de chamá-lo de *O Ressuscitado*: sua é uma história que pôde renascer dos pregos. Quando converso com as pessoas sobre ele, gosto de chamá-lo de *O Crucificado Ressuscitado*: há morte e há ressurreição, não há ressurreição sem a primeira morte. Parece impossível, mas o impossível do homem é possível de Deus. Depois de ser crucificado, ele ressuscitou. É o Crucificado Ressuscitado.

Quando Paulo fala da ressurreição aos coríntios, ele é desencadeado: "A morte foi tragada pela vitória". Sinta: engolido, engolido, engolido, engolido. A seguir carrega no acelerador, provocando-a: "Onde está a sua vitória, morte? Onde, ó morte, está o seu aguilhão? " (1Cor 15,54-55). Não há outro ponto de imitação de Cristo do que a ressurreição. Se, então, já não esperamos nada da vida, é porque percebemos que a esperança da ressurreição é uma força capaz de transformar o tempo presente, o da espera. Daqueles que acreditam que, na eternidade, seremos os mesmos de antes, de uma forma diferente.

Negar a ressurreição, portanto, é não ter conhecido o Deus de Jesus.

Don Marco Pozza, o padre das prisões de Pádua que conhecemos na TV durante a Via Crucis 2020 na Praça de São Pedro, em plenolockdown pela pandemia Covid-19, e que editou o volume com os textos intitulados

“As gaivotas e a andorinha - A Via Lucis do Papa Francisco”, posteriormente publicou um livro sobre o “vazio” que todos nós experimentamos naquela época e que, segundo ele, a partir da “fé com matriz agrícola”, “o vazio não é”. O volume intitulado *"O que não é vazio"* publicado pelas edições San Paolo é muito autobiográfico e isso, a meu ver, dá sentido e força às coisas que escreve, porque partem de uma vida vivida e não de sugestões teológicas ou literárias.

Aproximando-nos da Páscoa do Senhor 2021, bem podemos dizer, com Dom Marco, que Jesus é o Crucificado Ressuscitado, que nele acreditamos e que nele experimentamos, na fé, a morte e a ressurreição na ferialidade dos nossos dias. Esta é a nossa fé e queremos testificar!

V.C.

NESTE NÚMERO

O primeiro número do “*Collegamento*” 2021 nos encontra ainda imersos na pandemia global. Em relação ao ano passado, verifica-se a presença de vacinas, que vão atingindo gradativamente mais e mais grupos populacionais, a cada dia que passa, trazendo a esperança de que o caminho não seja mais tão árduo quanto o percorrido. Mas quantos parentes, amigos, nos deixaram afetados por esta doença, infelizmente? Queridas pessoas dentro e fora do Instituto, das quais, em muitos casos, aprendemos com dor, mas não podíamos estar fisicamente presentes, para expressar nossa proximidade, justamente por causa das restrições impostas para conter a pandemia. Um período difícil que nos marcou, levando-nos a refletir sobre o essencial da vida e sobre a necessidade de rever nosso modo de viver e pensar sobre a existência terrena. O jornal pode nos ajudar, em sua pequena forma, nesse sentido, dando-nos diversos temas para reflexão. Além dos artigos fixos dos gestores, interessantes e que nos acompanham na formação contínua, especialmente neste árido período histórico de encontros de presença, encontramos um breve e intenso pensamento de padre Gianni, gestor espiritual da Comunidade de Catânia. Em seguida, há, a se notar, uma bela experiência de reunir várias vozes em um único tema representado pela Encíclica do Papa Francisco “*Fratelli tutti*”: contribuições que de forma decididamente original reúnem as vozes das diferentes comunidades do Instituto. sensibilidades diferentes.

Um experimento bem-sucedido se torna outro ponto forte nosso “*Collegamento*”, fortalecer cada vez mais sua vocação de âmbito sindical e internacional. Em seguida, encontramos uma bela contribuição na Carta Apostólica “*Patris Corde*”, da nossa Missionária Vanice do Brasil, tudo para ler!

Abaixo encontramos a coluna de colaboradores, à qual nos referimos para maiores detalhes.

Crônica Flash, neste número relata sobretudo os desejos do passado natalino, com uma bela foto que mostra o testemunho do primeiro encontro multimídia internacional entre as várias comunidades do Instituto em todo o mundo. Um evento que foi desencadeado pela pandemia, mas que representa um ponto de partida para uma possibilidade de “collegamento”, através da internet, a ser levado em consideração, por nossas características de Instituto Secular. Ao final do Diário, encontramos as propostas de leitura de Mariella e Salvo, que nos ajudam a encontrar novidades no campo espiritual, de grande interesse. Não podemos terminar esta edição sem lembrar além do irmão Raymundo, marido de Sánchez Huerta María Félix da Comunidade Pio Castagnoli do México, e da nossa irmã Missionária Irma da Comunidade de Bolzano, o nosso Ermanno, sempre de Bolzano, que também nos deixou vítimas deste vírus mortal. Referimo-nos às duas contribuições, presentes na última parte do jornal, para a intensa memória deste nosso querido irmão.

Este número será publicado durante o período Quaresmal, próximo à Páscoa, por isso a redação envia a todos os leitores os mais calorosos votos de uma Santa Páscoa de Ressurreição.

A Redação



AOS MEMBROS DO INSTITUTO “SEMPRE CONVOSCO...”

Momentos fortes do Espírito

AOS MEMBROS DO INSTITUTO M.S.P.

Caros amigos, «parece-nos que nas dificuldades de hoje, Deus quer nos ensinar mais profundamente o valor, a importância e a centralidade da Cruz de Jesus Cristo [...] assim se expressam os bispos do Sínodo Extraordinário de 1985 (II p, 2-3).

A centralidade da "memória da Paixão" foi a intuição fundamental e fundadora de São Paulo da Cruz.

Nosso Instituto Secular acolheu em seu seio esta grande realidade e tem constantemente chamado a discernir quais são os modos, hoje, de recordar a Paixão no mundo.

Certamente não podemos perder de vista o que as nossas Constituições nos propõem: "contemplar" "Viver" e "anunciar" o mistério do amor da Paixão de Jesus (art. 8). Mas que discernimento fizemos quanto ao anúncio da memória da paixão? Nem quero parar e refletir como vivo este mistério, na minha carne e no meu espírito; antes, em como eu o expresso com minhas obras fora de mim.

As Constituições dão-nos indicações claras a este respeito e fazem-nos compreender como a contemplação de Jesus Crucificado deve conduzir-nos à contemplação dos homens “crucificados” hoje da injustiça, do vazio do verdadeiro e profundo sentido da vida, à fome de paz, pela paz, verdade, vida...

Mas aceitamos seriamente o compromisso de “participar nos sofrimentos dos nossos irmãos, especialmente dos marginalizados e dos pobres de espírito e de carne, nos quais continua a Paixão de Cristo - hoje? (ver artigo 31). Vamos dar uma boa olhada em nossas mãos, nossos bolsos e nosso, tempo, nossa cultura ...

Que cuidado temos nós com os "enfermos" de nossa casa? Qual é o compromisso de promover outros sofredores dispostos a se entregar ao Pai em união com Cristo Crucificado para a salvação do mundo? Ou que preocupação concreta dirigimos aos nossos “irmãos” do terceiro mundo e às nossas missões? Que contribuição temos dado aos pobres, aos marginalizados [...] que encontramos em nosso caminho?

É certamente bonito ler que “fazemos nossa a ânsia evangelizadora da Igreja, comprometendo-nos com um apostolado catequético orientado de preferência para a assistência aos jovens e às famílias, a inserção na pastoral diocesana, a colaboração com os Passionistas” (cf. .32). Mas sou realmente capaz de escrever uma página que atesta esse "meu" compromisso?

Graças a Deus não são poucos os casos exemplares que nem todos têm oportunidade de conhecer. Mas cada um de nós pode dizer em consciência que esteve “concretamente” disponível para toda a ajuda permitida pelas nossas capacidades “pessoais”? (cf art.31).

A pobreza, da qual prometemos, deve direcionar nossa atenção para os mais necessitados. “Ela, libertando-se progressivamente das múltiplas formas do egoísmo humano, disporá a alma a aliviar com alegria, em todas as circunstâncias e por todos os meios, os sofrimentos morais e materiais do corpo de Cristo” (cf. art. 19). E os colaboradores comprometem-se a um uso sóbrio dos bens segundo o seu estado ... e educarão os seus filhos à autolimitação, para que também vivam os valores sociais e cristãos do Evangelho na solidariedade e na partilha com os pobres (cf.. 62). E para todos os sócios se aplica aquela exortação magnífica: “no uso dos bens temperais, culturais e espirituais, como

administradores, comprometemo-nos a um verdadeiro sentido de responsabilidade e distanciamento interior, a ser um sinal de “caridade” e “justiça” entre “os irmãos” (cf. artigo 18).

A força para levar adiante esses compromissos que nosso ascetismo espiritual e senso de justiça nos oferece, só pode ser dada a nós pela lição de Cristo Crucificado nos homens de hoje. É um grande exame de consciência que nos é proposto no período que nos prepara para a Páscoa da Ressurreição.

Não desapontemos as expectativas da igreja e dos irmãos. Promovemos iniciativas válidas que nos podem ajudar a cumprir esta profunda necessidade do espírito e vocação cristã e passionista.

Pe. Generoso, c.p.

PELO ASSISTENTE ESPIRITUAL GERAL

pe. Valter Lucco Borlera, cp

Fratelli tutti do IMSP

Fratelli tutti é a terceira encíclica do Papa Francisco escrita em seu oitavo ano de pontificado. O núcleo temático é representado pela fraternidade e amizade social, a partir de reflexões sobre a pandemia COVID-19 de 2020.

Como Instituto Secular, somos chamados a participar neste documento, pelo nosso carisma e pela nossa vocação na Igreja.

A fraternidade foi o primeiro tema a que Francisco se referiu no início de seu pontificado, quando baixou a cabeça diante do povo reunido na Praça de São Pedro. Lá ele definiu a relação bispo-povo como um "caminho de fraternidade" e expressou este desejo:

«Sempre oramos por nós mesmos, uns pelos outros. Oramos por todo o mundo por uma grande fraternidade».

«*Fratelli tutti*» juntos declina a fraternidade e a amizade social. Este é o cerne do texto e seu significado. O realismo que perpassa as páginas dilui qualquer romanismo vazio, sempre à espreita quando se trata de fraternidade. A fraternidade não é apenas uma emoção, um sentimento ou uma ideia, *mas um fato* que também implica uma saída, uma ação (e uma liberdade): «De quem sou irmão?».

A fraternidade entendida desta forma subverte a lógica do apocalipse que prevalece hoje; uma lógica que luta contra o mundo porque acredita que este é o oposto de Deus, ou seja, um ídolo, e portanto deve ser destruído o mais rápido possível para

acelerar o fim dos tempos. Diante do abismo do apocalipse, não há mais irmãos: apenas apóstatas ou "mártires" em uma corrida "contra" o tempo. Não somos militantes nem apóstatas, mas todos irmãos. O tempo da Quaresma e depois da Páscoa nos impele a concretizar nossa pertença à Igreja com aqueles gestos simples de testemunho que nos levam a redescobrir nossa vocação e consagração. A fraternidade não queima o tempo, nem cega os olhos e as almas. Leva tempo, leva tempo. A fraternidade "desperdiça" tempo. O apocalipse o queima. A fraternidade requer tempo de tédio. O ódio é pura emoção. A fraternidade é o que permite que iguais sejam pessoas diferentes. O ódio elimina o diferente. A fraternidade economiza o tempo da política, da mediação, dos encontros, da construção da sociedade civil, do cuidado. O fundamentalismo o anula em um videogame.

A fraternidade é a base sólida para viver a "amizade social".

O Papa Francisco ecoa muitos caminhos de esperança, que nos falam de uma sede de plenitude, de um desejo de tocar o que enche o coração e eleva o espírito para as grandes coisas. Como não podemos fazer nossas essas observações? Como deixar de destacar que nossos contrastes humanos são uma pedra de tropeço no caminho do instituto?

A última parte da Encíclica é dedicada às religiões e ao seu papel ao serviço da fraternidade. As religiões acumulam séculos de experiência e sabedoria e, portanto, devem participar do debate público, bem como da política ou da ciência. Por isso, a Igreja não relega sua missão à esfera privada. “É verdade que os ministros religiosos não devem se engajar na política partidária, típica dos leigos, mas também não podem renunciar à dimensão política da existência”. Mas onde estão as pessoas seculares envolvidas na política? A Igreja, portanto, tem um papel público que também trabalha pela fraternidade universal. Os leigos consagrados tornam-se referência e intermediários de uma comunidade viva e crescente, sinal e testemunha em tempos de pandemia de amor aprendida ao pé do Crucificado.

Também neste centenário que vivemos, recolhemos indicações e estímulos para sermos um sinal tangível do mistério da Paixão como remédio para todos os males do nosso tempo.

Procuremos imaginar a força e o entusiasmo do Padre Generoso no tempo do Concílio e traduzi-los neste tempo de transição, não só para a Igreja, onde o Instituto Secular pode tornar-se referência e coesão num mundo desintegrado. Temos todas as credenciais para viver este momento como protagonistas: ai de continuarmos a ser espectadores exclusivos.

O PENSAMENTO DA PRESIDENTE

A NECESSIDADE DO ENCONTRO

“Como Jesus, em todos os dias da sua vida e particularmente no momento da sua Paixão, se fortalece na oração, assim a vitalidade do Instituto encontra a sua fonte na escuta da Palavra de Deus; que se torna a nossa oração, realizando-se como sacramento da nossa vida na celebração eucarística ”.
(Const. Art. 34).

Antes de continuar a leitura, exorto-vos a reler o que diz o art. 34 da nossa Constituição mencionada acima.

Relendo este artigo não pude deixar de ficar maravilhado com a sua relevância, quem sabe quantas vezes já o lemos, talvez em mais circunstâncias tenha sido uma leitura rápida e distraída porque afinal são palavras para nós que já ouvimos tantas vezes mas, para mim e espero para todos vocês que estão lendo, hoje eles assumem uma nova luz!

Vivemos um período histórico difícil, vivemos uma “paixão” social e individual, marcada pela luta e a ora convivendo com um vírus que parece não partir e que continua a nos obrigar a viver com medo e isolados, não é difícil sentir e perceber o mal-estar social que isso causa, muitas vezes nos sentimos desamparados ... mas talvez isso não seja ruim!

"Onde abundou o pecado, superabundou a graça" (Rm 5,20), a graça de Deus nunca falha, especialmente na adversidade, mas para reconhecê-la devemos nos colocar "ao lado" de Deus para ouvi-lo, para andar com ele, para encontrar em suas palavras as respostas aos nossos muitos porquês, tudo isso se chama

ORAÇÃO. O próprio Jesus não poderia passar sem oração ao Pai; fazendo-se homem no ventre de uma mulher, Maria compartilha a humanidade com ela, mas mantém a comunhão contínua com o Pai e o Espírito Santo. A vida cristã, e mais ainda a vida dos seculares consagrados, é tal se, como Jesus, vivemos em simbiose com Deus, o que nos faz entender que a oração não é apenas oral, mas que toda a nossa vida pode se tornar oração se vivida com este “companheiro de viagem” porque afinal Deus não quer andar sozinho mas quer a nossa presença! Além disso, quando a “oração” e portanto também a nossa vida parecem estéreis e inéditas, este é talvez o momento de ternura de Deus que se manifesta when menos esperamos! Toda a história da salvação na Bíblia é marcada e nasceu de uma mãe estéril e Deus se comove, amolece diante da esterilidade! Na esterilidade, a graça de Deus é fecunda! É uma bela realidade, mas também pode ser muito cansativa e difícil, pois, especialmente como consagradas seculares, somos chamados a acreditar que a oração é a nossa força, *é a chave que abre a porta do nosso coração à ação amorosa e renovadora de Deus, e por isso é urgente* fazer da nossa própria vida oração, oração a extrair do cansaço diário, do trabalho, da relação com os outros e da relação com Deus, *"gente rezando"* em qualquer situação a qualquer momento, na intimidade do próprio quarto ou no mundo onde se vivenciam as mais variadas e dificuldades, as relações voltam a exigir um encontro, um contato.

A vida do cristão, se vivida com intensidade e vivida ainda mais no século, não é nada fácil, não faltam as armadilhas, escondem-se entre as mais variadas realidades por isso igualmente importantes são os momentos de recolhimento, de silêncio, de confiança íntima, com Deus, como precisamos nos sentir amados, também Deus precisa ouvir: eu te amo; ele precisa de nossas

orações para que também ele possa estabelecer um encontro conosco! A oração torna-se então uma necessidade que poderíamos definir como uma realidade secular da qual não podemos prescindir, porque nos acompanha constantemente em todas as atividades de nossa vida, "**uma arte a ser praticada com insistência**", diz o Papa Francisco talvez também uma arte a "inventar" Cada dia que descobrimos que a lei da remuneração não é mais válida, a lei da solidariedade, da gratuidade, do diálogo, do encontro é muito mais válida porque, como disse o Papa Francisco em 27 de março de 2020 na deserta Praça de São Pedro por causa de a pandemia: "*ninguém se salva sozinho*". Este vírus não sabe, mas nos ensina a valorizar muitas coisas que antes nos pareciam óbvias e a "inventar" uma nova forma de vida e "encontro" com os homens e Deus. Portanto, nunca perdemos o desejo do **ENCONTRO**.

Patrizia

DA RESPONSÁVEL GERAL DE FORMAÇÃO

O discernimento espiritual (segunda parte)

Continuando a argumentação sobre o "discernimento" abordada no jornal "Collegamento" nº. 3-4 de 2020, que afirma que é importante prestar atenção ao plano de Deus que percorre os acontecimentos para aprender a reconhecer a Sua voz, tentei destacar alguns princípios fundamentais, tais como:

- 1) O discernimento é o cuidado com a interioridade e a formação de uma consciência sã.**
- 2) O discernimento é a atenção à vida sacramental e às disposições interiores particulares.**
- 3) Outro princípio de discernimento é levar a decisões responsáveis:**

o discernimento como dimensão do estilo de vida de Jesus e seus discípulos permite processos concretos que visam sair da indeterminação assumindo responsabilidades de decisões. Dar um passo, tomar uma decisão nem sempre é fácil, são mil perguntas que a pessoa se faz, mas é preciso arriscar para descobrir que o Senhor é maior que o nosso pequeno passo; mas se não correremos o risco, não descobriremos a grandeza do Senhor e que Ele é mais generoso do que nós.

Pe. Generoso disse, dando algumas recomendações para a vida: sentimos falta de uma vida interior, como São Paulo da Cruz a viveu; contemplar Cristo Crucificado e seu profundo amor pelo Mistério Eucarístico. Ele insistiu muito em ser dóceis ao Espírito Santo e nos recomendar ao amor de nossa Santíssima Mãe das Dores. Normalmente ele cumprimentava assim: “No coração

trespassado de Jesus e Maria das Dores” “... Nossa Senhora guia a tua mão”.

É preciso dizer, porém, que no discernimento espiritual é necessário ajudar a pessoa a discernir a graça da tentação, ter a coragem, o afeto, a delicadeza de acompanhá-la no reconhecimento da verdade e dos enganos ou pretextos. Porque às vezes as coisas que cruzam nossa imaginação são apenas tentações que nos afastam do verdadeiro caminho.

E, novamente, **é preciso ouvir os impulsos que a pessoa experimenta "para frente", onde ela realmente quer ir**, para além da casca dos gostos e dos sentimentos, é preciso abrir-se para ouvir a voz do Espírito, **para tornar o discernimento espiritual, requer disposições interiores precisas e perguntas específicas.**

A primeira disposição interior é a atenção do coração, favorecida por um silêncio e um esvaziamento que exige ascese (exercício, treino). **O bom discernimento também requer atenção aos movimentos do coração, crescendo na capacidade de reconhecê-los e dar-lhes um nome. O discernimento exige coragem para se engajar na luta espiritual**, pois haverá tentações e obstáculos que o Maligno colocará em nosso caminho. É necessário ter reconhecido não só os direitos, mas também os deveres: amar a vida fraterna, uma vida sóbria e essencial, uma radiotelicidade evangélica, uma espiritualidade forte, tendendo à busca de Deus com a Palavra e radicalismo evangélico.

Deve-se prestar atenção ao acompanhamento personalizado **não só da delegada de formação, mas de toda a comunidade, porque toda a comunidade é responsável pelo crescimento da pessoa no caminho.**

É o momento em que é necessário criar uma consciência moral e a resposta a uma voz que chama e indica um bem e pede uma confiança de confiança. É o momento em que a jovem é ajudada e orientada a construir a sua identidade de consagrada secular, **desenvolver sua capacidade de viver sua especificidade nas situações da vida cotidiana.** Forme a consciência do bem na experiência de vida.

“Dentro do coração: naquele mundo de afetos, sentimentos, emoções e reações que se inflamam na rede de relações interpessoais e naquela convivência que forma o tecido do cotidiano;

Dentro de casa: conhecer e sofrer os problemas familiares, como os de nascimento e morte, os de doença e acomodação, os de compras e o condomínio;

Dentro das estruturas: na dificuldade das contradições, na tentação de ir contra a consciência, na luta das rivalidades;

Nas situações: no compromisso contínuo de discernimento, na perplexidade das escolhas às vezes marcadas pelo sofrimento;

Dentro da história: na assunção de responsabilidades na esfera social, económica, política, na atenção aos sinais dos tempos, na partilha do risco comum, no árduo empenho da esperança ”.

Precisamos ajudar a viver **o tempo da primeira consagração:** é o momento em que se torna membro efetivo do Instituto;

o tempo da consagração perpétua: é o momento da incorporação definitiva ao Instituto. É o início de um estado de conversão permanente, que dura toda a vida e que, pela perseverança na fidelidade à escolha feita, é uma graça preciosíssima que deve ser implorada, merecida e continuamente preservada na oração.

Este é um momento importante porque se poderia dizer **“está tudo acabado”**, mas não é porque envolve o compromisso de viver em comunhão com os membros, na adesão a Jesus Crucificado, na fidelidade à Igreja e ao Papa **“no mundo, com o mundo, mas não do mundo ”**, a serviço da comunidade, como lugar onde cada um de nós tem uma responsabilidade cristã.

É, porém, o tempo em que devemos estar vigilantes, porque o tempo, os anos nos colocam no fervor, se não tivermos cuidado, o pó do cansaço, e nos cansamos de servir a Deus e à Comunidade. Que grande perigo !!!

Mas para superar tudo isso temos armas: “A oração, a escuta da Palavra, que marca o caminho diário de nossa busca da vontade de Deus” (ver art. 34/35 das Constituições).

Em poucas palavras, nossas Constituições estabelecem os modos como o Instituto nos mostra como viver os conselhos evangélicos, definindo as obrigações que eles implicam, expressando sempre o próprio estilo "laico" que caracteriza a nossa presença na Igreja. Todos nós "consagrados seculares" vivemos nas condições normais de todas as pessoas, referimo-nos ao Instituto de pertença para a vida fraterna que se funda na partilha do carisma, na formação, na ajuda mútua e nos momentos de verificação e intercâmbio.

Desejo que todos possamos viver sempre com consciência o apelo recebido do Senhor, para um serviço mais pleno ao Reino de Deus, porque, como dizia Paulo VI, «a laicidade e a consagração devem caminhar juntas, uma precisa da outra; Não se é primeiro leigo e depois consagrado, mas nem mesmo primeiro consagrado e depois leigo, é ao mesmo tempo leigo consagrado ». Disto deriva também outra consequência muito importante: é necessário um discernimento contínuo, que ajude a equilibrar; uma atitude que ajuda a encontrar Deus em todas as coisas.

Maria Emilia Zappalà

PÁSCOA DE SANTIDADE

Um pensamento curto, ditado pelo coração. Uma reflexão sobre a vida nova clamada e revelada pela Ressurreição. Além da escuridão, a luz. Luz que ilumina o túnel dos acontecimentos humanos mostrando a saída e a beleza que nos espera e que já se vislumbra na vida quotidiana, para quem olha a vida à luz da Ressurreição.

Meu pensamento para este ano é de uma Páscoa que precisa ser uma ressurreição, estamos presos nesta pandemia e corremos o risco de ver sempre tudo escuro, tudo negativo; na realidade não é assim porque esta pandemia está nos fazendo compreender o verdadeiro sentido da vida, o verdadeiro sentido do nosso limite diante da natureza, das criaturas e, portanto, diante de Deus.

A Páscoa é uma passagem, para todos nós deve ser uma passagem da morte para a vida, a morte entendida como morte para o pecado e a vida entendida como ressurreição.

Li em algum lugar uma reflexão que me chamou a atenção para o final da Ave Maria ... *"Santa Maria, mãe de Deus, rogai por nós pecadores, agora e na hora da nossa morte ..."*, a morte não significou só e simplesmente como um fim físico da vida, obviamente todos esperamos ter Nossa Senhora ao nosso lado quando isso acontecer, mas é importante que esta oração de Nossa Senhora nos acompanhe cada vez que tentamos nos libertar do pecado, a libertação do pecado é a morte e portanto, uma ressurreição. Esta deve ser a Páscoa, uma ressurreição para uma vida nova que para nós consagrados vale ainda mais porque temos uma responsabilidade maior perante o Senhor e perante os homens e a nossa responsabilidade é procurar uma santidade que seja para todos. Somos responsáveis pela santidade dos outros isso é fundamental considerá-lo, considerando que só a nossa

santidade não é suficiente, somos responsáveis pela santidade dos outros, o Senhor nos pedirá que prestemos contas de cada pessoa que não pudemos ajudar eles se tornam santos e então esta Páscoa pode ser para nós um motivo de alegria, um motivo de cobrança, um motivo de uma força interior que explode dentro de nós para nos fazer manter os olhos abertos, os olhos alertas para olhar à nossa volta para cada irmão ou irmã que precisa de ajuda para se tornar santa.

Don Gianni Raciti

CARTA ENCÍCLICA DO PAPA FRANCISCO: “FRATELLI TUTTI”

A encíclica Fratelli Tutti é um texto repleto de ideias e reflexões que vêm da visão de vida e de fé do nosso querido Papa Francisco. Três contribuições de diferentes vozes integram diferentes aspectos. Uma bela experiência de "conexão" entre sensibilidades de diferentes naturezas e diferentes origens sobre um tema comum. A primeira contribuição vem do nosso responsável Enzo Caruso - que escolheu o trecho da Encíclica para compartilhar -, depois encontramos o ponto de vista do Padre Salvatore Consoli e finalmente uma "visão laica" dos nossos desfiles de Marissa do grupo Peru.

Da Encíclica sobre a fraternidade e amizade social

(n.106/114) e orações finais do Papa Francisco

“Há um reconhecimento básico, imprescindível para caminhar rumo à amizade social e à fraternidade universal: perceber quanto vale um ser humano, quanto vale uma pessoa, sempre e em qualquer circunstância. Se todos valem tanto assim, é preciso dizer com clareza e firmeza que “o simples fato de nascer em um lugar com menos recursos ou menos desenvolvimento não justifica que algumas pessoas vivam com menos intensidade” (*Evangelii gaudium*, 190). Este é um princípio elementar da vida social.

Todo ser humano tem direito a viver com dignidade e desenvolver-se plenamente, e ninguém pode negar este direito fundamental. Todo mundo tem, mesmo que seja ineficiente,

mesmo que tenha nascido ou tenha sido criado com limitações; com efeito, isso não diminui a sua imensa dignidade de pessoa humana, que não se baseia nas circunstâncias, mas no valor do seu ser. Quando este princípio elementar não é salvaguardado, não há futuro nem para a fraternidade nem para a sobrevivência da humanidade.

Existem empresas que aceitam este princípio apenas parcialmente. Aceitam que há oportunidades para todos, mas argumentam que, diante disso, tudo depende de cada um. Nesta perspectiva parcial, não faria sentido “investir para que os que ficaram para trás, os fracos ou os menos dotados possam fazer o seu caminho na vida” (*Evangelii gaudium*, 105). Investir em favor de pessoas frágeis pode não ser lucrativo, pode levar a menos eficiência. Requer um Estado presente e ativo, e instituições da sociedade civil que vão além da liberdade dos mecanismos eficientes de certos sistemas econômicos, políticos ou ideológicos, porque se orientam verdadeiramente, antes de tudo, para as pessoas para o bem comum.

Alguns nascem em famílias prósperas, recebem uma boa educação, crescem bem alimentados ou possuem habilidades notáveis naturalmente. Eles certamente não precisarão de um estado ativo e apenas pedirão liberdade. Mas obviamente a mesma regra não se aplica a uma pessoa com deficiência, àqueles que nasceram em um lar pobre, àqueles que cresceram com uma educação de baixa qualidade e com poucas possibilidades de tratar adequadamente suas doenças. Se a sociedade se baseia principalmente nos critérios de liberdade e eficiência do mercado, não há lugar para eles, e a fraternidade será, no máximo, uma expressão romântica.

O fato é que “a simples proclamação da liberdade econômica, porém, quando as condições reais impedem muitos de realmente acessá-la, e quando o acesso ao trabalho é reduzido, torna-se um discurso contraditório” (*Laudato si*, 129). Palavras como liberdade, democracia ou fraternidade são vazias de significado. Porque, na realidade, “enquanto o nosso sistema econômico-social ainda produzir uma vítima e houver apenas uma pessoa

afastada, não pode haver a festa da fraternidade universal” (*Evento Mensagem para a Economia de Francesco, 1.5.2019*). Uma sociedade humana e fraterna é capaz de trabalhar para garantir de forma eficaz e estável que todos sejam acompanhados no caminho de sua vida, não só para atender às necessidades básicas, mas para que possam dar o melhor de si, mesmo que sejam seus. desempenho não. será o melhor, mesmo que vá devagar, mesmo que sua eficiência não seja relevante.

A pessoa humana, com seus direitos inalienáveis, está naturalmente aberta aos vínculos. Na sua raiz reside o apelo à transcendência no encontro com os outros. Por isso, “é necessário estar atento para não cair em alguns mal-entendidos que podem surgir de uma má compreensão do conceito de direitos humanos e de seu paradoxal abuso. De fato, hoje existe uma tendência a uma demanda cada vez mais ampla pelos direitos individuais - estou tentado a dizer individualista -, o que esconde uma concepção da pessoa humana desligada de qualquer contexto social e antropológico, quase como uma *mônada* (*mônadas*), mais e mais insensível (...). Se o direito de cada pessoa não é ordenado harmoniosamente para o bem maior, acaba por ser concebido sem limitações e, portanto, tornando-se uma fonte de conflitos e violências” (*Discurso ao Parlamento Europeu, 25.11.2014*).

Não podemos deixar de dizer que o desejo e a procura do bem dos outros e de toda a humanidade implica também trabalhar para o amadurecimento das pessoas e das sociedades nos diversos valores morais que conduzem ao desenvolvimento humano integral. No Novo Testamento, um fruto do Espírito Santo é mencionado (cf. Gl 5:22) definido com o termo grego *agathosyne*. Indica apego ao bem, a busca pelo bem. Mais ainda, é proporcionar o que mais vale, o melhor para os outros: o seu amadurecimento, o seu crescimento para uma vida saudável, o exercício dos valores e não apenas o bem-estar material. Existe uma expressão latina semelhante: *bene-volentia*, ou seja, a atitude de querer o bem do outro. É um forte desejo pelo bem, uma inclinação para tudo o que é bom e excelente, que nos impulsiona

a preencher a vida dos outros com coisas belas, sublimes e edificantes.

Nessa linha, ressalto dolorosamente que “já estamos há muito tempo em degradação moral, zombando da ética, da bondade, da fé, da honestidade, e é chegado o momento de reconhecer que essa superficialidade alegre foi de pouca utilidade. Essa destruição de todos os alicerces da vida social acaba nos colocando uns contra os outros para defender nossos interesses”(Laudato sii, 229). Voltemo-nos para a promoção do bem, para nós e para toda a humanidade, e assim caminharemos juntos para um crescimento genuíno e integral. Toda sociedade precisa garantir a transmissão de valores, pois, se isso não acontecer, se transmitem o egoísmo, a violência, a corrupção em suas diversas formas, a indiferença e, em última instância, uma vida fechada a toda transcendência e arraigada nos interesses individuais.

Desejo sublinhar a solidariedade, que “como virtude moral e atitude social, fruto da conversão pessoal, exige o empenho de uma multiplicidade de sujeitos, que têm responsabilidades de carácter educativo e formativo. O meu primeiro pensamento dirige-se às famílias, chamadas a uma missão educativa primária e essencial. Eles constituem o primeiro lugar onde são vividos e transmitidos os valores do amor e da fraternidade, da convivência e da partilha, da atenção e do cuidado pelo outro. São também o ambiente privilegiado para a transmissão da fé, a partir daqueles primeiros simples gestos de devoção que as mães ensinam aos filhos. Quanto aos educadores e formadores que, na escola ou nos vários centros infanto-juvenis, têm a exigente tarefa de educar as crianças e os jovens, são chamados a ter consciência de que a sua responsabilidade diz respeito à dimensão moral e espiritual. a pessoa. Os valores de liberdade, respeito mútuo e solidariedade podem ser transmitidos desde cedo. (...) Os operadores das redes culturais e sociais também têm responsabilidades no domínio da educação e da formação, especialmente nas sociedades contemporâneas, onde o acesso às ferramentas de informação e comunicação é cada vez mais generalizado”(Mensagem para o 49º Dia Mundial da Paz, 1 de Janeiro, 2016).

Oração ao Criador

Senhor e Pai da humanidade,
que criou todos os seres humanos com a mesma dignidade,
instilar um espírito fraterno em nossos corações.
Inspira-nos com o sonho de um novo encontro, de diálogo, de
justiça e paz.
Incentive-nos a criar sociedades mais saudáveis e um mundo
mais digno,
sem fome, sem pobreza, sem violência, sem guerras.
Nosso coração se abre
para todos os povos e nações da terra,
reconhecer o bem e a beleza
que você semeou em cada um deles,
forjar laços de unidade, de projetos comuns,
de esperanças compartilhadas. Um homem.

Oração cristã ecumênica

Nosso Deus, Trindade de amor,
da poderosa comunhão de sua intimidade divina
derramar o rio do amor fraterno entre nós.
Dê-nos o amor que transpareceu nos gestos de Jesus,
em sua família de Nazaré e na primeira comunidade cristã.
Conceda a nós cristãos para viver o Evangelho
e reconhecer a Cristo em cada ser humano,
vê-lo crucificado na angústia dos abandonados
e os esquecidos deste mundo
e ressuscitou em cada irmão que se levanta.
Venha, Espírito Santo! Nos mostre sua beleza
refletido em todos os povos da terra,
para descobrir que todos são importantes,
que todos são necessários, que são faces diferentes
da mesma humanidade amada por Deus.
Amém.

Propostas e caminhos para viver a fraternidade universal hoje

Sem dúvida, a coisa mais importante que a pandemia nos ensinou é o quanto dependemos uns dos outros e como são essenciais a amizade e os contatos humanos.

O Papa Francisco, na sua carta encíclica *Fratelli tutti*, escreve todos os irmãos: «Desejo muito que, neste tempo que nos foi dado a viver, reconhecendo a dignidade de cada pessoa humana, possamos reavivar entre todos uma aspiração mundial à fraternidade ... Sonhamos como uma só humanidade, como viajantes feitos da mesma carne humana, como filhos desta terra que nos acolhe a todos, cada um com a riqueza da sua fé ou convicções, cada um com a sua voz, *fratelli tutti*! ” (n.8) convidando-nos a reconhecer a igual dignidade de cada pessoa humana, porque todos nós somos feitos da mesma carne e hospedados na mesma Terra, nossa casa comum. Trata-se tanto da superação de nosso mundo formado por grupos sociais separados uns dos outros, que criam "excluídos", "estrangeiros" e "inimigos" por toda parte, como também o renascimento do desejo de fraternidade mundial. É uma proposta elevada, dirigida a todos os homens, que para os cristãos tem como fundamento último a paternidade de Deus Criador e o Evangelho de Jesus: de facto, fortes na fé, não podem ficar à margem na construção de um melhor nem renunciar a despertar as forças espirituais capazes de transformar a vida social; têm o dever de promover o homem e acompanhar a sua vida também no plano social e político. Para os cristãos, viver a fraternidade é um compromisso e uma responsabilidade decorrentes do próprio dom da salvação em Cristo que, ao se encarnar, se tornou "o primogênito de muitos irmãos" (Rm 8,29): um dom a comunicar mediante a proposta da fraternidade. , proposta mais realista do que muitas ideologias e muitos projetos políticos. Todos irmãos, com extrema clareza e clarividência, ele abre e delineia uma cultura da fraternidade a ser vivida nas relações interpessoais, nacionais e internacionais, para superar os males e as sombras que tornam este mundo cada vez

mais insuportável, assim como a tríplice crise socioeconômico, ecológico e de saúde mundial: uma cultura cujo método é o diálogo e cujo objetivo é buscar o bem verdadeiramente universal; cultura necessária em um tempo de desmoronamento do ideal político e social, de exaltação do individualismo que ignora a dignidade e o caráter relacional da pessoa, que considera os outros como objetos a serem usados e descartados, transformando assim o ser humano em um bem de consumo.

A Encíclica de Francisco é dirigida a todos, mas é inegável que os primeiros destinatários são os cristãos e os católicos em particular: a proposta da fraternidade está enxertada no Vaticano II que, a partir da *Lumen gentium* e da *Nostra aetate*, fala da fraternidade universal e acredita que o A tarefa da Igreja é ajudar a criar um clima de justiça, solidariedade e fraternidade, sem o qual o mundo não pode viver.

Em Abu Dhabi, em 4 de fevereiro de 2019, Francis e Imam Ahmad Al-Tayyeb assinaram juntos o *Documento sobre a fraternidade humana para a paz mundial e a coexistência comum* chamando-se mutuamente de "irmãos": um sinal claro de esperança para o futuro a partir da construção da coexistência comum, em que ou somos irmãos ou tudo desmorona. A Encíclica << recolhe e desenvolve os grandes temas expostos naquele Documento que assinamos juntos >> (n. 5). A ONU instituiu o *Dia Internacional da Fraternidade Humana*, marcando-o justamente para 4 de fevereiro: a esperança é que o Dia seja um sinal de alarme todos os anos para o mundo e seus líderes, que os empurra a consolidar e fazer os princípios da fraternidade humana uma realidade em todo o mundo.

Para o Papa Francisco, a fraternidade é a nova fronteira da humanidade: irmãos ou inimigos com o risco, neste último caso, de que tudo desmorone e se destrua. Somos irmãos, nascidos do mesmo Pai, com diferentes culturas, tradições, mas todos irmãos: respeitando nossas diferentes culturas e tradições, nossas diferentes cidadanias, precisamos construir essa irmandade. Para construí-lo, é preciso superar a distância, o descuido, o desinteresse; a fraternidade significa a mão estendida, o respeito,

a escuta com o coração aberto, a firmeza nas próprias convicções porque não há verdadeira fraternidade se se negociar as próprias convicções.

Laudato Si insiste na unidade da criação que postula a fraternidade com todas as criaturas, amando-as e respeitando-as, levando em consideração o desenvolvimento sustentável e os recursos da Terra que não são ilimitados e não garantem um crescimento igualmente ilimitado.

O Covid-19 que afetou toda a humanidade pode ser interpretado como um sinal da Mãe Terra, como o aviso de que não podemos continuar com o domínio e a devastação de tudo o que existe e vive: << as previsões catastróficas agora não podem mais ser olhado com desprezo e ironia. O ritmo de consumo, desperdício e alteração do meio ambiente tem ultrapassado as possibilidades do planeta, de modo que o estilo de vida atual, sendo insustentável, só pode levar a catástrofes, como já acontece periodicamente em várias regiões. A atenuação dos efeitos do desequilíbrio atual depende do que fazemos agora >> (nº 161). Em nosso momento histórico, devemos nos colocar as questões fundamentais: a vida é essencial ou o lucro? o cuidado da natureza ou sua exploração ilimitada? Que terreno queremos? em qual casa comum queremos morar? exclusivamente entre os seres humanos ou junto com todos os outros irmãos e irmãs da grande comunidade da vida, realizando a unidade da criação?

O Papa, que em *Laudato Si* refletiu sobre essas questões, durante a pandemia, em todos os Irmãos, em termos sérios e urgentes, como homem de fé e esperança, aponta a fraternidade como uma forma nova e única de presença no mundo e aponta para Francisco de Assis como um modelo de quem viveu pessoalmente a fraternidade universal, uma verdadeira fraternidade humana com outros irmãos e irmãs da natureza.

Em *Fratelli tutti* é mais franco: << uma tragédia global como a pandemia de Covid-19 despertou já há algum tempo a consciência de ser uma comunidade mundial que navega no mesmo barco, onde o mal de um vai em detrimento de todo. Lembramos que ninguém é salvo sozinho, que só podemos ser

salvos juntos >> (n.32); esta é a nova carta para a humanidade, é uma questão de novas condições para uma fraternidade universal.

Hoje é tarefa dos cristãos, e especialmente dos institutos seculares que têm a missão de viver o Evangelho no mundo e nas estruturas da sociedade, testemunhar que é preferível viver fraternalmente na mesma casa comum, do que entregar-se à suicídio coletivo; estamos todos relacionados uns com os outros, somos todos interdependentes e só sobreviveremos juntos; precisamos de um equilíbrio geral baseado no altruísmo, na era da solidariedade e no cuidado comum de todas as coisas comuns (água, comida, liberdade ...); vocês precisam se sentir cidadãos do mundo e membros ativos de suas comunidades. Mas isso só é possível com a condição de que todos sejam humildes, dispostos a conviver com os outros, e ao pé da natureza, superando as desigualdades e vendo em cada pessoa um irmão e uma irmã, vindos do mesmo húmus, onde estão as nossas origens comuns. e em que vivemos. Cabe a nós, como povo e como comunidade, pensar e repensar com a máxima seriedade, colocar e propor esta perspectiva de fraternidade universal entre os homens e com todos os seres da natureza, única saída que pode salvar. nós. O Papa Francisco acredita que este é o único caminho certo para lançar as bases da própria sobrevivência: devemos responder com urgência, deixando-nos ser ajudados pelo humilde Francisco de Assis a percorrer este caminho de fraternidade universal, se ainda queremos estar este planeta Terra, nosso. jardim e casa comum.

Salvatore Consoli

Uma visão laica

Ler a encíclica *Fratelli Tutti* é uma experiência maravilhosa, uma lição de quem somos como humanidade, que nos ajuda a definir e compreender a fraternidade como forma de vida. Para nós, leigos, é um texto que devemos ler e aprofundar para aprender a cumprir a nossa missão no mundo.

Fratelli Tutti é a terceira encíclica do Papa Francisco (“*Lumen Fidei*”, “*Laudato si*”), foi assinada em 3 de outubro de 2020, véspera da memória do Santo, em Assis (Úmbria, Itália). É o primeiro a ser emitido fora de Roma e em condições de pandemia. A encíclica, que o Papa Francisco chama de “social”, nasceu do encontro com o Grande Imam Ahmad al-Tayyeb em Abu Dhabi em 2019 durante a assinatura do Documento sobre a Fraternidade Humana e é inspirada no histórico encontro entre São Francisco e o Sultão Malik el Kamil, do Egito, no qual o Santo oferece um exemplo do amor de Deus ao dialogar sem agressão ou polêmica e buscar a harmonia.

Os temas fundamentais dos 8 capítulos da encíclica giram em torno da fraternidade e da amizade social, do diálogo, da reflexão e da necessidade de reconhecer a dignidade das pessoas como base do desejo mundial de renascimento da fraternidade. Precisamos refletir sobre essas questões como seculares para ajudar a realizar essas expectativas.

Começamos por fazer um diagnóstico do momento em que vivemos (“As sombras de um mundo fechado”): uma lista de situações que mundialmente prejudicam o desenvolvimento da fraternidade universal, que não são alheias a ninguém porque as vemos todos os dias, uns com indiferença e outros que procuram ajudar a superá-los desde o seu lugar, assim como os profissionais de saúde que estão a trabalhar durante a pandemia, o que é um convite a esperar que se concretizem os grandes ideais que nos são propostos.

A nossa colaboração no desenvolvimento destes objectivos de fraternidade, amor, amizade universal, concretiza-se no apelo ao amor ao próximo, tomando como modelo o estrangeiro, o migrante (“Um estrangeiro na estrada”). Do Gênesis ao Novo Testamento, encontramos um chamado constante para amar o estranho, superando preconceitos, indiferença, interesses pessoais, barreiras. Se realmente entendermos a parábola do Bom Samaritano, nos posicionaremos: o ferido, o ladrão, os viajantes, o samaritano. Dependendo do que decidirmos, podemos iniciar a transformação desta sociedade nos colocando a serviço do bem,

colaborando com os outros sem esperar reconhecimento ou gratidão, reconhecendo a dignidade do outro e refletindo sobre como agir para obter o amor universal como Jesus. É a fé que deve manter vivo o sentido crítico, a catequese e a pregação devem incluir direta e claramente o sentido social da existência, a dimensão fraterna da espiritualidade, a convicção da dignidade da pessoa e as razões para amar e acolher a todos. .

O ser humano desenvolve-se em total abandono aos outros ("Pensar e gerar um mundo aberto"), desde a família e amigos, até acolher a todos com amor através do desenvolvimento de atitudes que se apresentam como valores morais (força, sobriedade, laboriosidade ...). Somos feitos para amar e amar é considerar o outro como eu, apreciá-lo, valorizá-lo, torna possível a amizade social, a fraternidade, a liberdade e a igualdade. Como leigos, somos convidados a seguir este caminho: para o seguir, devemos aceitar o desafio de pensar uma humanidade com valores e paz.

Na construção deste caminho voltamos ao tema dos migrantes ("Um coração aberto a todo o mundo"). A ajuda a quem foi forçado a deixar seu país para viver com dignidade e se realizar como pessoa, se expressa em 4 verbos: *acolher*, *proteger*, *promover e integrar*. Isso vem tanto dos governos que acolhem o migrante para apoiá-lo nos aspectos fundamentais de seu desenvolvimento, quanto do compromisso de cada um de nós em colaborar no processo de aceitação e reconhecimento de sua contribuição à cultura do país onde ele chega. Cabe a nós evitar que sejam considerados seres perigosos e usurpadores, mas do ponto de vista da fraternidade universal e da amizade social, tema recorrente na encíclica pela visão do Bom Samaritano.

Pensando no compromisso dos governos, é importante analisar o papel da política a serviço do bem comum ("A melhor política"). A política atual, ao invés de proteger os fracos e respeitar a diversidade cultural, é populista e segue uma ideologia, não coloca em prática o exercício da amizade social, de um poder público saudável e iluminado pela caridade que permite estreitar mais laços fraternos. Para que isso seja possível, a encíclica

explica conceitos fundamentais como democracia, governo, povo, a diferença entre um líder popular e um líder populista, a dignidade do trabalho. O tipo de política proposta pelo Papa baseia-se no amor, na caridade, na solidariedade, no bem comum e no desenvolvimento da vida social e comunitária, com uma política com os pobres e os pobres. O capítulo termina com uma série de perguntas que todo político deve se fazer, uma das mais questionáveis é: “Quanto amor coloquei no meu trabalho? De que maneira fiz o povo progredir? Que marca deixei na vida da empresa? Que laços reais eu construí? Que forças positivas eu liberei? Quanta paz social eu semeiei? O que produzi no local que me foi confiado? ”: São perguntas que não só os políticos devem fazer a si próprios, mas a cada um de nós, onde quer que desenvolvamos o nosso trabalho.

Voltando ao tema da nossa participação no encontro com todos (“Diálogo e amizade social”), o diálogo será a ferramenta que nos permitirá ouvir, respeitar e descobrir o outro. O diálogo não é uma troca de pontos de vista em redes, mas a capacidade de descobrir e respeitar o outro, tendo diferentes perspectivas, crenças e pontos de vista, não por uma falsa tolerância, mas por um "realismo dialógico" em que cada um mantém seus princípios . Nesse diálogo, a mídia desempenha um papel importante. A nossa capacidade de dialogar seguindo os princípios que vimos vai permitir-nos criar uma convivência saudável e construir pontes, este aspecto vai depender muito de nós.

O caminho para a paz dependerá, portanto, do nosso compromisso ("Caminhos de um novo encontro"): um compromisso permanente, ligado à verdade, à justiça, à misericórdia, com propósito, que visa formar uma sociedade baseada no serviço aos outros, na busca da reconciliação e o desenvolvimento mútuo, como uma casa onde a paz envolve todos e onde todos desempenham um papel. Para construir a paz é necessário colocar a pessoa humana, a sua dignidade e o bem comum no centro de cada ação. Com a paz vem o perdão: todos devem ser amados sem exceção, mas o perdão não significa

impunidade, nem esquecimento, nem vingança, mas justiça e preservação da memória para manter viva a consciência coletiva. Por fim ("Religiões a serviço da fraternidade no mundo"), como parte desse processo, está a avaliação das convicções religiosas dos outros. O diálogo inter-religioso nos lembra a missão comum: paz, fraternidade, defesa da justiça, rejeição da violência e terrorismo religioso. O terrorismo não deve ser apoiado, mas condenado, porque é um crime contra a segurança e a paz no mundo.

O Papa assegura que a Igreja Católica valoriza a ação de Deus em todas as religiões e respeita a liberdade religiosa, o que tornará possível encontrar um bom acordo entre as diferentes culturas e religiões, porque o culto a Deus não deve levar à discriminação, ao ódio ou à violência, mas para respeitar a sacralidade da vida, o respeito pela dignidade e liberdade dos outros, bem como o compromisso com todos. Ele reconhece que se inspirou no pensamento de "outros irmãos que não são católicos", como Martin Luther King, Desmond Tutu e Mahatma Mohandas Gandhi, que também devemos conhecer.

A encíclica se conclui com uma reflexão sobre o Beato Carlos de Foucauld, que inspira o conceito de "irmão universal". Ele fecha a encíclica com duas orações: uma ao Criador e a outra "cristã ecumênica" para que um "espírito de irmãos" possa viver no coração dos homens.

Como leigos, trabalhamos para que este apelo do Papa Francisco, de aproximar o coração do Evangelho ao mundo de hoje, seja ouvido, assimilado e vivido em todas as culturas, níveis e esferas da sociedade, a começar por nós, cristãos e com todos. Os "irmãos e irmãs", como dizia São Francisco, de boa vontade, de todos os credos, raças, línguas, nações, porque somos construtores da Humanidade.

Marissa Parades
Grupo do Peru

O ANO DE SÃO JOSÉ: UMA PRESENÇA POR TODA A IGREJA

O “Pai presente” é a bela definição de São José, que emerge dessa contribuição de Vanice do Brasil. O documento do Papa Francisco sobre São José é um convite a conhecer a beleza silenciosa deste Santo, que encarnou o amor terrestre e providente a Jesus e que estende esta preocupação paternal a toda a Igreja.

A indicação do "ano de São José" vem do coração paternal do Papa Francisco, ele deseja chegar ao coração de todos os católicos, convidando cada um a conhecer melhor o pai adotivo do Senhor e sua importância na salvação de Deus. plano.

Por ocasião do 150º aniversário da declaração, pelo Papa Pio IX, de São José padroeiro da Igreja universal, o Papa Francisco, para esta ocasião, fez um grande presente à Igreja através da Carta Apostólica **Patris Corde** "Coração do Pai".

José é um pai presente. O Papa recorda o quanto precisamos ter esposos e pais como José, ele não entendeu tudo, mas acolheu tudo! José não se impôs na vida do filho, mas acompanhou Jesus no caminho do seu próprio caminho. A figura de São José fica nas sombras e não temos mais informações sobre ele na Bíblia, mas o pouco que sabemos é suficiente para reconhecer sua importância, única na vida de Jesus e no plano de Salvação. O Papa Pio IX, então, ao declarar São José o Padroeiro universal da Igreja, disse que assim como o guardião da família de Nazaré foi capaz de proteger o Filho de Deus, da mesma forma que continua hoje a proteger a Igreja que é uma extensão do Corpo místico de Cristo.

A missão de José, vivida em silêncio, também tem muito a dizer aos homens e mulheres de hoje. O Papa Francisco lembra muitos homens e mulheres que, de maneira especial, durante esta pandemia, arriscam suas vidas para tratar e proteger as pessoas que são vítimas desta doença. A Carta Apostólica **Patris Corde** e o Ano de São José são um convite a cada um de nós a conhecer e imitar aquele homem justo e santo que, mesmo sem entender tudo, acolheu tudo.

«O objetivo desta carta apostólica é aumentar o amor por este grande santo, sentir-se compelido a implorar a sua intercessão e a imitar as suas virtudes e vigilância», explica o Papa Francisco, no documento que fala de São José, que há sete aspectos dele: *um pai amado, um pai com ternura, um pai na obediência, um pai no acolhimento, um pai na coragem criativa, um pai trabalhador e um pai nas sombras.*

O Santo Padre deseja partilhar, por ocasião do 150º aniversário da declaração do padroeiro da Igreja Católica, algumas reflexões pessoais sobre "esta figura extraordinária", tão próxima da condição humana de cada um. Um desejo que cresceu nestes meses de pandemia, revela o Papa Francisco, no qual foi possível sentir que a vida é tecida e sustentada por pessoas comuns, que não aparecem nas manchetes ou nas grandes passarelas: médicos, enfermeiras, supermercado trabalhadores e limpeza, por exemplo, entre tantos outros que entenderam que ninguém se salva sozinho, e continua dizendo:

“Quantas pessoas exercitam a paciência e inspiram esperança a cada dia, cuidando para não semear o pânico, mas a corresponsabilidade. Quantos pais, mães, avós e avós, professores, mostram aos nossos filhos, com pequenos e diários gestos, como enfrentar e passar a crise reajustando hábitos, olhando para cima e estimulando a oração. “Quantas pessoas rezam, oferecem e intercedem pelo bem de todos”. Todos podem

encontrar em São José, o homem que passa despercebido, o homem da presença quotidiana, discreto e escondido, um intercessor, um apoio e um guia nos momentos de dificuldade. São José nos lembra que todos aqueles que estão aparentemente escondidos ou na "segunda linha" têm um protagonismo sem paralelo na história da salvação. Uma palavra de reconhecimento e gratidão a todos eles.

Depois de Maria, Mãe de Deus, nenhum santo ocupa tanto espaço no Magistério papal como José, seu marido. Os meus predecessores aprofundaram a mensagem contida nos poucos dados transmitidos pelos Evangelhos para realçar ainda mais o seu papel central na história da salvação: o beato Pio IX o declarou "Patrono da Igreja Católica", o Venerável Pio XII apresentou-o como "Padroeiro dos trabalhadores" e São João Paulo II como "Guardião do Redentor". O povo o invoca como "patrono de uma morte feliz".

Vanice Félix dos Santos,
Salvador, Bahia

COLUNA DOS COLABORADORES

A coluna contém um único artigo inspirado na mensagem do Papa Francisco para a celebração do 54º dia mundial da paz. O cerne da mensagem é: “a cultura do cuidado como caminho para a paz. Cultura do cuidado para erradicar a cultura da indiferença, rejeição e confronto, que hoje prevalece muitas vezes”. A partir dessas ideias se desdobra a reflexão de Cetty e Claudio. Tudo para ler e ponderar.

DOS RESPONSÁVEIS GERAIS DOS CASAS COLABORADORES

Família Bússola para a Paz

Este ano, o Papa Francisco, no Dia Mundial da Paz, nos lembrou que cada um de nós, homens e mulheres deste tempo, somos chamados a trazer a paz e fazê-la acontecer todos os dias e em todos os ambientes da vida. O Senhor nos dá a realização de sermos pacificadores.

Mas como podemos todos trazer paz ao mundo?

Neste período histórico em que vivemos, muitas vezes ouvimos a palavra cura pronunciada, especialmente no setor saúde. Temos lutado, em todos os cantos da terra, para buscar uma cura eficaz para este vírus invisível, nos alegramos quando nos disseram que a cura poderia ser esta nova vacina, mas o Papa Francisco nos fala em vez da “Cultura do tratamento como caminho de paz”.

A missão de cada homem é "Cuidar".

Deus pede a Adão que cuide da criação.

Deus pergunta a Caim "onde está seu irmão?" e ele responde "eu sou o guardião do meu irmão?"

O Papa Francisco nos diz: claro que você é o guardião do seu irmão!

A palavra cuidar é, portanto, sinônimo de ser guardião, mas para cuidar do outro é preciso criar uma cultura, uma mentalidade, não é apenas uma boa resolução; um ato de vontade é uma nova forma de pensar que quer lutar contra a cultura do desperdício, contra a cultura da indiferença, contra a cultura do confronto.

A família torna-se assim o ambiente ideal para que esta cultura cresça e amadureça e os três elos da corrente da cultura do cuidado de que fala o Papa Francisco estão perfeitamente interligados:

- O cuidado com a dignidade e os direitos humanos
- Cuidar do bem comum
- O cuidado da criação

Portanto, a Paz não será apenas a ausência de guerra. A paz está na vida: é uma vida rica de sentido, construída e vivida na realização pessoal e na partilha fraterna com os outros.

Mas o Papa prossegue, dizendo-nos que não basta a força humana, porque a paz é antes de tudo um dom, um dom de Deus; deve ser implorada com oração incessante, sustentada com diálogo paciente e respeitoso, construída com uma colaboração aberta à verdade e à justiça e sempre atenta às aspirações legítimas das pessoas e dos povos.

A família tem, portanto, uma tarefa importante: nutrir nela a cultura do cuidado que significa antes de tudo "cuidar" do irmão, dos pais, do avô; mas também deve ser uma pequena igreja doméstica, onde a oração será contínua e incessante.

Porém, precisamos de uma bússola que nos mostre a direção e o Papa nos diga que esta bússola é a família. A família é o lugar natural onde a bússola nos é dada desde cedo, é aí que se respira a cultura do cuidado.

A família deve ser aquele lugar onde o sabor e o cheiro da alegria de viver envolvem e se espalham além, e apesar das incertezas, das dificuldades, dos sofrimentos diários. A alegria é aquele sentimento interior que permite olhar os acontecimentos com olhos de esperança.

Quando a família se dá conta de que é justamente dentro dela que cresce e amadurece a cultura do cuidado, não pode prescindir da alegria, porque a alegria está toda na consciência da preciosidade, bem como da beleza da vida e, portanto, do outro, do irmão ao lado dele.

Da carta aos Filipenses (4, 4-8)

Alegrem-se sempre no Senhor; Repito novamente, alegre-se. Sua bondade é conhecida por todos os homens. O Senhor está perto! Não se preocupe com nada, mas em cada necessidade exponha seus pedidos a Deus com orações, súplicas e agradecimentos; e a paz de Deus, que ultrapassa todo o entendimento, guardará seus corações e seus pensamentos em Cristo Jesus.

O Papa nos exorta a sermos portadores de paz e esperança e cuidar uns dos outros é o caminho para a paz.

Claudio e Cetty Grasso,
Resp. Geral dos Casais Colaboradores

EM MEMÓRIA DE ERMANNO

Da Redação

No dia 14 de novembro, Ermanno Pozza nos deixou para enriquecer o instituto, que no céu continua sua missão de maneira intensa, mas diferente. Além da dor intensa pela perda, havia outra dor silenciosa e indefesa ditada pelas restrições de Covid 19. Em muitas não pudemos dar o último adeus a uma pessoa que nos foi querida e amiga. Ermanno era um amigo doce e silencioso, as suas palavras, sempre pesadas, manifestavam uma intensidade de luz como o amanhecer, que corre o risco de anunciar a beleza de um novo dia. Um amigo que pela idade era o pai e pelo caçula o avô, que todos tiveram o prazer de conhecer para trocar um trecho da viagem. Somos próximos de Sandra, com quem Ermanno estava intimamente ligado. Eles sempre foram nomeados assim: Ermanno e Sandra ou Sandra e Ermanno. E continuarão a ser pensados assim, juntos: dois cônjuges, um dos quais já está no céu; porque um sempre chama o outro. Um casal de colaboradores casados que tanto contribuíram e que igualmente testemunharam a sua pertença ao Instituto tanto a nível regional como global, também e não só, no seu empenho, realizado com dedicação, como Diretores Gerais dos Casais Colaboradores .

Ermanno deixou-nos sobretudo a memória do seu olhar bom e acolhedor, nos seus olhos se reflectia a montanha que tanto amava. E como as montanhas do Tirol do Sul, possuía aquela beleza severa, feita de substância e poucos folhos, uma essencialidade, que não deixava indiferente e costurava fortes laços com os quais se podia contar.

Os escritos a seguir, de Girolamo e do Padre Renner, são uma homenagem sincera e sincera a uma amiga fraterna e também uma declaração de proximidade a Sandra, que vive a perda terrena de seu amado marido.

Carta aberta para Sandra

Querida Sandra,

Não me fiz ouvir depois que Ermanno nos deixou para falar com o Pai, por duas razões principais.

Primeiro porque não tive coragem de te ligar ao telefone segundo porque pela minha idade perdi muito da minha audição e poderíamos ter tido uma conversa nem sempre compreensível e muitas vezes repetitiva. Mas saiba que meu desejo de ouvi-lo e expressar minha participação em sua grande dor sempre foi grande.

Peço desculpas.

A redação de nosso jornal “Collegamento MSP” confiou a mim e a Dom Paolo Renner, como você sugeriu, a lembrança do nosso querido Ermanno.

Quando isso me foi comunicado, fiquei muito emocionado e lembrei-me dos dias em que Ermanno, você, Antonietta e eu colaboramos no cumprimento da tarefa que nos foi conferida quanto à responsabilidade em nível geral e local dos cônjuges colaboradores. do Instituto Missionário Secular da Paixão.

Pe. Generoso, Pe. Carmelo Naselli e Pe. Cornelio sempre nos apoiaram nesta nossa difícil tarefa, precisamente no período de crescimento do Instituto, com os problemas e os inevitáveis mal-entendidos, mas confiantes em ser ajudados pela ajuda dos Senhor e de São Paulo da Cruz.

O que também sempre me ajudou muito foi a relação de plena colaboração, disponibilidade e partilha entre nós.

Ermanno sempre foi uma pessoa muito aberta, prudente e convicta e convicta de que a formação humana e espiritual é a espinha dorsal do bom cristão e, em particular, do membro de um instituto secular.

Nunca deixou de dar testemunho do seu ser cristão na vida quotidiana, na família, no trabalho e na Igreja, convencido de que este é o atrativo mais válido do nosso testemunho.

E o que dizer da sua paixão pela montanha, ele exerceu seu compromisso como guia de montanha com o coração.

Muitas vezes nos encontrávamos em Bolzano ou Catânia, dividindo nossas acomodações e ficando acordados até tarde da noite para enfrentar os problemas de nosso Instituto.

Oi Ermanno, confio na misericórdia do Senhor para poder te encontrar, quem sabe talvez em breve. Sua vontade será feita.

Sinto muito, Sandra, novamente, mas gostaria de visitá-la para te abraçar forte e passar meu carinho, infelizmente a pandemia em andamento não me permite.

Tchau,

Girolamo

Catania, 22 janeiro 2021

O Amigo de Ermanno

Um homem confiável. É assim que eu definiria meu amigo Ermanno Pozza, que recentemente entrou na Luz de Deus.

Encontrá-lo significou ler aos seus olhos sabedoria, profundidade, clarividência, autenticidade, amor pela terra em que nasceu e pela qual viveu. Grande amante das montanhas, da arte, da beleza, soube compartilhar essas paixões com muitas pessoas através de seus vídeos, suas conferências, suas visitas guiadas aos lugares mais evocativos das Dolomitas que explicou com paixão e respeito, vendo neles os reflexos da grandeza do Criador, em quem sempre acreditou com fé viva.

Aquilo - na verdade - que discutimos com mais disposição com Ermanno era de fé. A sua religiosidade foi alimentada pela Bíblia, pela oração, pelas peregrinações, aquele grande livro do Criador que é a natureza. Ele sabia como guardar muitas coisas em seu coração. Ele não era falador mas, se pudesse, teria prazer em dar bons conselhos e com seu sorriso encorajou você a seguir o caminho do bem, o caminho da vida, o caminho do encontro e não do confronto, o caminho da honestidade e solidariedade. Com sua Sandra ele foi até a América do Sul para ajudar pessoas necessitadas, especialmente crianças. Amava seu filho e seus

queridos netos, e com satisfação acompanhou sua jornada escolar e humana, hospedando-os de bom grado na residência de verão de Nova Ponente, um belo resort nas montanhas com vista para os majestosos picos do sul do Tirol.

Com dedicação fez parte, como esposo-colaborador, do Instituto Secular dos Missionários Seculares da Paixão, desempenhando cargos de responsabilidade, junto com sua amada Sandra, na pequena cela local de Bolzano e na revista do Instituto. Frequentou durante anos e com grande interesse a escola diocesana de formação para o compromisso sócio-político, onde também fez amizades significativas e recebeu atestados de uma estima que lhe foi espontaneamente concedida.

Na verdade, a amizade e o convívio eram sagrados para ele. Ele ficava particularmente feliz quando podia convidar alguém para a mesa e conduzir diálogos sobre história, cultura, arte, natureza, religião. É por isso que lamentamos tê-lo deixado ir, mas ao mesmo tempo nos alegramos na esperança certa de encontrá-lo e naquele maravilhoso banquete na Jerusalém celeste, em que o bom Senhor enxugará todas as lágrimas e onde houver não será mais morte, mas aquele "vinho novo" de que também falou Jesus na Última Ceia.

Don Paolo Renner,
Diretor do Istituto Superiore di
Scienze Religiose di Bolzano

CRÔNICA FLASH

☞ FELIZ NATAL

Caros membros do Instituto das Missionárias Seculares da Paixão,

Desejo-lhe um Natal, talvez um pouco diferente, mas não menos interior, profundo e feliz.

Muitas felicidades e bênçãos.

Francisco Valadez c.p.

Retribuo de coração os votos de um Natal cheio de alegria e serenidade, apesar de tudo! Um abraço

Piera Grignolo

muito obrigado. SUBSTITUA DESEJOS INFINITOS COM MUITAS BÊNÇÃOS

P. Carlo

Agradecemos sinceramente e correspondemos aos desejos.

Que o Santo Natal nos traga a alegria e a paz que o Menino Jesus veio do céu para nos dar

P. Piero Greco e a comunidade da Apresentação

Aqui estou ... retribuo calorosamente a todos vocês.

Um abraço em Cristo

P. Salvo Bucolo

"Meu coração se alegra em Deus, meu Salvador." (1Sm 2,1)

Querida irmã: Muito obrigada.

Partilhamos com alegria e esperança a mensagem de esperança que nos transmite e estamos muito gratos por tudo o que nos transmitiste. Agradecemos, valorizamos e refletimos muito, com a ajuda.

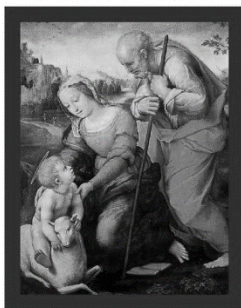
LEOPOLDO HERNANDEZ

Agradeço e retribuo os votos de Natal e de Ano Novo 2021
don Giuseppe Putrino



** tradução no final
das páginas*

CASA DI ESERCIZI SPIRITUALI
DEI SS. GIOVANNI E PAOLO
Passionisti – Roma



«Come Dio ha detto al nostro Santo: «Giuseppe, figlio di Davide, non temere» (Mt 1,20), sembra ripetere anche a noi: “Non abbiate paura!”. Occorre deporre la rabbia e la delusione e fare spazio, senza alcuna rassegnazione mondana ma con fermezza piena di speranza, a ciò che non abbiamo scelto eppure esiste. Accogliere così la vita ci introduce a un significato nascosto. La vita di ciascuno di noi può ripartire miracolosamente, se troviamo il coraggio di viverla secondo ciò che ci indica il Vangelo. E non importa se ormai tutto sembra aver preso una piega sbagliata e se alcune cose ormai sono irreversibili. Dio può far germogliare fiori tra le rocce. Anche se il nostro cuore ci rimprovera qualcosa, Egli «è più grande del nostro cuore e conosce ogni cosa» (1 Gv 3,20).

(Papa Francesco, Patris Corde)

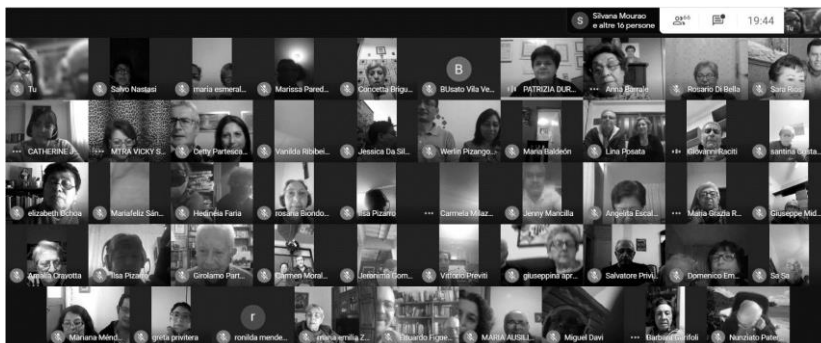
«Vorrei che lei celebrasse il S. Natale nella povera stalla del suo cuore ove nascerà spiritualmente il dolce Gesù. Presenti questa povera stalla a Maria Santissima e a S. Giuseppe, acciò l'adorino di virtù, affinché il dolce Bambino vi stia bene”.

(San Paolo della Croce)

Celebriamo il Natale con spirito accogliente di Cristo che viene a dimorare con noi perché abbiamo bisogno della sua luce divina.

Auguri. P. Vito Patera, passionista.

Troca de saudações por ocasião do Santo Natal 2020 via videoconferência.



MENSAGEM DE NOSSOS IRMÃOS POLO e MARIBEL HERNANDEZ.

Comunidade Padre Pío Castagnoli.

Aos nossos irmãos em Cristo paciente, crucificado, ressuscitado e eucarístico:

MENSAGEM DE NOSSOS IRMÃOS POLO E MARIBEL HERNANDEZ.

Comunidade Padre Pío Castagnoli.

Com muita alegria e esperança compartilhamos nossa pobre experiência nesta época de nossa vida.

Tudo foi uma graça do nosso bom Deus, para o nosso bem pessoal, conjugal, familiar e comunitário.

Pela graça de Deus, entregamos aos pés da Cruz do nosso doce Jesus, a nossa doença, a fragilidade e tudo o que isso acarreta. Sempre pedindo que seu Espírito Santo nos guie em cada etapa em que a doença progride, ele nos enfraquece e nos limita.

Em certa ocasião, nosso diretor espiritual muitas vezes nos disse que essa fase da vida é difícil. Humanamente sim é, com o passar dos dias as manifestações da doença vão aparecendo, reconhecemos nossas limitações, impotências e dores físicas, mas sim a misericórdia e os dons que nosso Pai nos dá para aprender a viver nossa doença com gratidão e alegria. Quão grande é a

gratuidade da sua salvação para cada um! Permanecendo unidos e nos oferecendo a Ele, mergulhando em Suas gloriosas chagas. Tudo por amor Dele.

O amor embeleza a doença, assim como embeleza a vida, por isso somos felizes em seu amor divino, pois ELE nos amou primeiro. Tudo por amor, nada por força, mas com a força de seu AMOR. Quando estou fraco, sou forte!

Apenas a graça de Deus em nós.

Quando nos consagramos como casal na IMSP, ao receber o chamado respondemos: AQUI ESTAMOS PARA FAZER A SUA VONTADE, em todos os acontecimentos de nossas vidas. Agradecemos infinitamente o dom da vocação e a fidelidade ao carisma da Paixão, porque meditá-lo diariamente é para nós uma força e uma lição de vida diária, uma manifestação do amor infinito de Deus.

Nossa missão continua, somos leigos no mundo sem ser do mundo. Agora, ainda por telefone, temos contato com nossos irmãos enfermos para tornar suportável sua solidão e desconforto, com a Palavra de Deus que sempre dá vida.

Em meio a esta pandemia, o Senhor nos levou a descobrir sinais de esperança para compartilhar com nossos irmãos em suas realidades concretas de vida.

Unidos de um só coração e de uma alma, te saudamos, te mantemos sempre presente em nossas humildes orações e, como Colaboradores, te confiamos sempre à Sagrada Família de Nazaré.

Totus Tuus María

MORTE

27 de Setembro morre **Torres Mandujano Raymundo**, marido de SánchezHuertaMaríaFélix da Comunidade Pio Castagnoli do México

14 de Novembro **Pozza Ermanno**, marido de Dalan Maria Alessandra da Comunidade de Bolzano

02 de Janeiro de 2021 **Zottola Irma** da Comunidade de Bolzano

O CANTO DOS LIVROS

a cura de Mariella e Salvatore Borzì

Destacamos os seguintes livros:

Recomendamos alguns textos que podem nos ajudar a viver mais profundamente a quaresma:

“PER STARE IN PIEDI BISOGNA SAPER STARE IN GINOCCHIO. La Chiesa del Giovedì santo.” *Escrito por Don Vittorio Rocca - Klimax Edizioni*

Um livro de meditação e oração que pode nos ajudar a penetrar no mistério do amor da Quinta-feira Santa. O texto reúne as homilias realizadas na Quinta-feira Santa por padre Vittorio Rocca de 2002 a 2019 em algumas paróquias da província de Catânia, com um estilo comunicativo e dialógico. O texto também coleta as ressonâncias auditivas de alguns paroquianos.



Quinta-feira Santa: dia em que a comunidade cristã se reúne em torno da mesa do Senhor para reviver a instituição da Eucaristia. São um comentário ao Evangelho de João que narra o lava-pés (13,1-15), gesto que o Mestre faz para nos dar um modelo concreto a imitar.

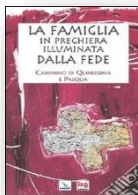
O livro pode ser adquirido diretamente na Basílica de San Sebastiano in Acireale e nas melhores lojas online.

DONNA, PERCHÉ PIANGI? Cammino quaresimale di riflessione per donne.



Este livro é dirigido às mulheres e oferece uma interessante jornada quaresmal. As meditações diárias partem de textos bíblicos e se desdobram por meio de um comentário e de uma oração conclusiva, entendida como um momento dedicado à oração e à intimidade com o coração.

Autor: Johnson Borchard Therese - Editora: Ist. San Gaetano



LA FAMIGLIA IN PREGHIERA ILLUMINATA DALLA FEDE. Cammino di Quaresima e Pasqua- Esta brochura sugere um momento diário de oração por cada dia da Quaresma, até ao Domingo de Páscoa e pelo Pentecostes, para que este período “forte” seja vivido com alegria em família.

Autora: Laura Salvi Editora: Ist. San Gaetano



PASQUA È TUTT'ALTRO. Parole di speranza.

Este livro nos acompanha com uma linguagem nova, direta e fácil em uma viagem pelos dias da Quaresma e do Tríduo. A vida também pode ser muito difícil e quem planeja resolver todos os problemas com um golpe de uma varinha mágica está mentindo. No entanto, não é o negativo que vence: esta é a mensagem da Páscoa. Celebrar a ressurreição me faz sentir que Deus está caminhando comigo, atravessando comigo as trevas da existência.

Autora: Andrea Schwarz - Editora: Queriniana

PALAVRAS DE VIDA

Revista bimestral da Associazione Biblica Italiana (ABI). Fundada em 1955, há mais de sessenta anos é o bimestre da Associação Bíblica Italiana que se dedica à atualização e à formação bíblica dos agentes pastorais. A revista tem como objetivo divulgar e tornar efetivos em nível pastoral os estudos exegéticos mais credenciados e as pesquisas bíblicas mais recentes.



La Croce

Pietro Paolo Parzanese
Ariano, 11 novembre 1809 – Napoli,
29 agosto 1852) è stato un
presbitero, poeta e traduttore
italiano.

Quando io nacqui, mi disse una
voce: " Tu sei nato a portar la tua
croce" . Io piangendo la croce

abbracciai che dal cielo assegnata mi fu. Poi guardai guardai... Tutti
portan la croce quaggiù.

Vidi un re tra baroni e scudieri sotto il peso di cupi pensieri. Ed al
valletto che stava alla porta domandai: " A che pensa il tuo re?". Mi
rispose: " la croce egli porta, che il Signore con il trono gli diè".

Vidi un giorno tornare un soldato dalla guerra col braccio troncato:
Perché mesto, gli chiesi, ritorni? Non ti basta la croce d'onor? Ei
rispose: " Passarono i mie giorni, altra croce mi ha dato il Signor".

Vidi al letto del figlio morente una ricca signora piangente, le dissi e "
dal cielo conforto d'altri figli a te, o donna verrà". Mi rispose: " contenta
mi porto quella croce che il cielo mi dà".

Vidi un uomo giulivo nel volto, in mantello di seta avvolto. E gli dissi: " A
te solo, o fratello, questa vita è cosparsa di fior?". Non rispose, ma
aperse il mantello .

La sua croce l'aveva nel cor.

Più e più allor mi abbracciai la fatica, ch'è la croce dei poveri amica, del
mio pianto talor la bagnai; ma non voglio lasciarla mai più.

O fratelli guardai e guardai... Tutti portan la croce quaggiù.

TRADUÇÃO DOS TEXTOS DA PAG 47

O que Deus disse ao nosso Santo – «José, Filho de David, não temas...» (*Mt 1, 20*) –, parece repeti-lo a nós também: «Não tendes medo!» É necessário deixar de lado a ira e a desilusão para – movidos não por qualquer resignação mundana, mas com uma fortaleza cheia de esperança – dar lugar àquilo que não escolhemos e, todavia, existe. Acolher a vida desta maneira introduz-nos num significado oculto. A vida de cada um de nós pode recomeçar miraculosamente, se encontrarmos a coragem de a viver segundo aquilo que nos indica o Evangelho. E não importa se tudo parece ter tomado já uma direção errada, e se algumas coisas já são irreversíveis. Deus pode fazer brotar flores no meio das rochas. E mesmo que o nosso coração nos censure de qualquer coisa, Ele «é maior que o nosso coração e conhece tudo» (*1 Jo 3, 20*).

(Papa Francisco, Patris Corde)

“Gostaria que celebrassem o Santo Natal no pobre estábulo do seu coração, onde o doce Jesus nascerá espiritualmente. Apresente este pobre estábulo a Maria Santíssima e a São José, para que o adormino de virtú, para que o doce Menino fique bem”.

(São Paulo da Cruz)

Celebramos o Natal com o espírito acolhedor de Cristo, que vem habitar conosco porque precisamos de sua luz divina.

Felicidades. P. Vito Patera, passionista

TRADUÇÃO DO TEXTO DA PAG. 52

A Cruz

Pietro Paolo Perzerese Arieno, 11 de novembro de 1809 -
Nápoles.

29 de agosto de 1852, foi um poeta italiano e presbítero tradutor

Quando nasci, uma voz me disse. “Você nasceu para carregar o seu abraço que me foi designado pelo céu. Então eu olhei, eu olhei. Todos carregam a cruz aqui.

Eu vi um rei entre barões e escudeiros sob o peso de pensamentos sombrios. E para o criado que estava perguntando: "Em que seu rei está pensando?" Ele respondeu: “a cruz que ele carrega, que o Senhor com o trono lhe deu”.

Um dia, vi um soldado voltar da guerra com o braço decepado. Por que triste, ele perguntou, você está voltando? A cruz de honra não é suficiente para você? Ele responde. "Meus dias se passaram, o Senhor me deu outra cruz".

Eu vi uma senhora rica e charmosa na cama de seu filho moribundo, eu disse a ela e "do céu conforto de outras crianças para você, ou mulher virá". Eu respondo “de bom grado carrego aquela cruz que o céu me dá”.

Eu vi um homem feliz no rosto, envolto em uma capa de seda. E eu disse a ele: Só para você, irmão, essa vida é salpicada de flores?”. Ele não respondeu, mas abriu a capa.

Sua cruz estava em seu coração.

Cada vez mais abracei o cansaço, que é a cruz do pobre amigo, às vezes a banhava com minhas lágrimas: não quero mais deixá-la.

Ó irmão eu olhei e olhei. Todos carregam a cruz aqui.